

TEOLOGIA,

POLÍTICA &

RELIGIÃO

2

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Jeová Braga dos Santos
(Organizadores)

Matthew is called.

St. MATTHEW, 9.

Jairus' daughter raised.

1 said within themselves, This man blasphemeth.
4 And Jesus knowing their thoughts said, Wherefore think ye evil in your hearts?
5 For whether is easier, to say, Thy sins be forgiven thee; or to say, Arise, and walk?

6 But that ye may know that the Son of man hath power on earth to forgive sins, (then saith he to the sick of the palsy,) Arise, take up thy bed, and go into thine house.

7 And he arose, and departed to his house.
8 But when the multitudes saw it, they marvelled, and glorified God, which had given such power unto men.

9 And as Jesus passed forth from thence, he saw a man, named Matthew, sitting at the receipt of customs; and he saith unto him, Follow me. And he arose, and followed him.

10 And it came to pass, as Jesus was sitting at the receipt of customs, that there came a certain man, named

30 And behold, a woman, which was diseased with an issue of blood twelve years, came behind him, and touched the hem of his garment:

31 For she said within herself, If I may but touch his garment, I shall be whole.

32 But Jesus turned him about, and when he saw her, he said, Daughter, be of good comfort; thy faith hath made thee whole. And the woman was made whole from that hour.

33 And when Jesus came into the ruler's house, and saw the minstrels and the people making a noise,
34 He said unto them, Give place; for the maid is not dead, but sleepeth. And they laughed him to scorn.

35 But when the people were put forth, he went in, and took her by the hand, and the maid arose.
36 And the fame hereof went

Anno DOMINI 21.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

Christ smeth out

St. MATTHEW, 10.

his twelve apostles.

CHAPTER 10.

1 Christ smeth out his twelve apostles, calling them with power to do miracles, to cast their charge, to teach them, to send forth them against persecutions; 60 and promitteth a blessing to those that receive them.

AND when he had called unto him his twelve disciples, he gave them power to cast their charge, to heal all manner of sickness, and all manner of disease.

2 Now the names of the twelve apostles are these: The first, Simon, who is called Peter, and Andrew his brother; James the son of Zebedee, and John his brother;

3 Philip, and Bartholomew; Thomas, and Matthew the publican; James the son of Alphaeus, and Lebbaeus, whose surname was Thaddeus;

4 Simon the Canaanite, and Judas Iscariot, who also betrayed him.
5 These twelve Jesus sent forth, and commanded them, saying, Go ye into all the world, and preach the

21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

Anno DOMINI 21.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50.

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Jeová Braga dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, política e religião 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Jeová Braga dos Santos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-569-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.690210110>

1. Teologia. 2. Religião. 3. Política. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Santos, Jeová Braga dos (Organizador). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudação.

Apresentamos a vocês a obra: “Teologia, política e religião 2”, cujos termos norteadores da temática nos conduzem a refletir sobre a dimensão coletiva da vida. Uma obra que traz o diálogo de pesquisadores de várias áreas do conhecimento, dos quais cito algumas: Ciências da (s) Religião (ões), Teologia, História, Educação, etc. Sistematizada em torno de 11 capítulos temáticos que alargam diálogos e atravessam conceitos que permeiam a trajetória do indivíduo. Esta obra promove o entrecruzamento da teologia-política-religião com temas de interesse público, perpassando pelos liames que sutilmente aparecem nas palavras-chave de cada capítulo, das quais pontuamos: Jesus Cristo; Bíblia; Cristianismo; Judaísmo; Espiritismo; Igrejas Neopentecostais; Mistério; Patriarcado; Diversidade Religiosa; Política; Tradições; Relacionamentos; Poder Midiático; Direitos; Hermenêutica de Gênero; Santidade; Separação entre outros. É uma obra, que atende a interesses dos mais variados públicos, podendo ser utilizada em ciclos dialógicos na educação básica, no ensino superior e na pós-graduação. Desejamos a todos você uma excelente leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Jeová Braga dos Santos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CIGANOS, RELIGIÃO, OBSERVAÇÕES E POLÍTICA NO BRASIL

Erisvelton Sávio Silva de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101101>

CAPÍTULO 2..... 15

A MENSAGEM DE JESUS CRISTO, AS ATITUDES DE BOLSONARO E AS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

Leonardo Rezende Meireles

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101102>

CAPÍTULO 3..... 30

A SUBMISSÃO DO CORPO COMO CAMINHO DA SANTIDADE NO FRANCISCANISMO DO SÉCULO 13

Claudinéia Cássia Genoveze Varotti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101103>

CAPÍTULO 4..... 38

A *REVUE SPIRITE* (1858-1869) LEITORES, COMUNIDADES DE LEITORES E O AUTOR KARDEC

Larissa Camacho Carvalho

Vinícius Lima Lousada

Artur Cesar Isaia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101104>

CAPÍTULO 5..... 51

ACOLHIMENTO E ACONSELHAMENTO DE DIVORCIADOS, NO CONTEXTO CRISTÃO

Mara Regina Nikitenko Jagmin

Adolfo Antonio Hickmann

Girlane Moura Hickmann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101105>

CAPÍTULO 6..... 63

JESUS E A MULHER SIRO-FENÍCIA (MC 7,24-30): UMA HERMENÊUTICA DE GÊNERO

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

Fernanda Lemos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101106>

CAPÍTULO 7..... 70

O ENSINO RELIGIOSO E A FILOSOFIA PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER

Wilson Pinto dos Santos Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101107>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 81 |
| RELIGIÃO E GRUPOS TERAPÊUTICOS: DESCONSTRUINDO CONFLITOS, EXPLICANDO MITOS E PROPONDO UM DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO | |
| Marineide Felix de Queiroz Brito | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101108 | |
| CAPÍTULO 9 | 89 |
| O PODER MIDIÁTICO DAS RELIGIÕES: PODER E POLÍTICA NA PALMA DAS MÃOS | |
| Ronaldo Sales da Silva | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.6902101109 | |
| CAPÍTULO 10 | 106 |
| SOBERANIA E [I]LEGITIMIDADE DO PODER DESDE O PONTO DE VISTA DO PREÂMBULO À LEGISLAÇÃO DO ANTIGO ISRAEL | |
| Petterson Brey | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.69021011010 | |
| CAPÍTULO 11 | 119 |
| UM ESTUDO COMPARATIVO DE TEORIAS DO PROTOCRISTIANISMO E DA SEPARAÇÃO DE CAMINHOS ENTRE CRISTÃOS E JUDEUS | |
| Lucas Lima Martins Fridman | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.69021011011 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 135 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 137 |

UM ESTUDO COMPARATIVO DE TEORIAS DO PROTOCRISTIANISMO E DA SEPARAÇÃO DE CAMINHOS ENTRE CRISTÃOS E JUDEUS

Data de aceite: 01/10/2021

Data de submissão: 06/07/2021

Lucas Lima Martins Fridman

Mestrando, pesquisador do Protocristianismo e Desjudaização do Cristianismo
Petrópolis – RJ
<http://lattes.cnpq.br/7114898487881691>

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar através desse estudo comparativo, teorias do Protocristianismo e da divisão de caminhos entre judeus e cristãos. A teoria do *parting of the way* foi aceita por muitos anos como a última palavra no que tange a separação das duas tradições religiosas. Tal corrente teológica preconizava um antagonismo entre as duas tradições, presente já no primeiro século, e um afastamento gradual entre elas, nesse mesmo século. Todavia, com o passar dos anos, a corrente denominada *the ways never parted*, aparece para dar uma visão menos rígida dessa separação, argumentando que as duas tradições permaneceram juntas ao longo dos primeiros séculos, mostrando assim as bases judaicas do cristianismo, em sua teorização. Arelada a essas duas ideias principais, esse artigo lança as bases iniciais do cristianismo, trazendo a discussão sobre a pluralidade do protocristianismo no primeiro século ED, e mostrando os contrapontos à essa teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Protocristianismo;

Cristianismo; Judaísmo; Separação; Tradições.

A COMPARATIVE STUDY ABOUT THEORIES OF PROTOCHRISTIANITY AND THE SEPARATION OF PATHS BETWEEN CHRISTIANS AND JEWS

ABSTRACT: This article aims to present, through this comparative study, theories of Proto-Christianity and the division of paths between Jews and Christians. The parting of the way theory has been accepted for many years as the last word on the separation of the two religious traditions. Such theological current advocated an antagonism between the two traditions, present in the first century, and a gradual separation between them, in that same century. However, over the years, the current called the ways never parted, appears to give a less rigid view of this separation, arguing that the two traditions remained together throughout the first centuries, thus showing the Jewish bases of Christianity, in its theorizing. Linked to these two main ideas, this article lays the initial foundations of Christianity, bringing the discussion about the plurality of proto-Christianity in the first century ED, and showing the counterpoints to this theory.

KEYWORDS: Proto-Christianity; Christianity; Judaism; Separation; Traditions.

1 | INTRODUÇÃO

Pensar e debater acerca das origens do Cristianismo, quanto mais tecer uma estrutura identitária que delimite o protocristianismo¹, não

¹ Protocristianismo é um termo utilizado por alguns teóricos como Stegemann (2004), para definir o cristianismo das origens, chamado por alguns de Cristianismo Primitivo.

são tarefas fáceis e, por mais enfadonho que possa parecer esta colocação inicial, tal fato não torna esta afirmação menos pertinente.

Por conta desta comprovada complexidade, a historiografia da religião cristã e judaica vem desenvolvendo estudos por várias décadas; com efeito, a diversa gama de teorias e conceitos cunhados para as tentativas de explicação dos fenômenos religiosos serve não somente para enriquecer o debate, como também para denotar quão rica é a história do Cristianismo.

Tal como argumenta Arzani (2016), desde os primeiros momentos até a eventual formalização do cristianismo como religião oficial do Império Romano, a formação da identidade cristã em seus primórdios é uma questão altamente complexa e, segundo seus argumentos, o papel da teologia para a compreensão do universo simbólico envolvido nesta construção é essencial para esta formação identitária.

Para Selvatici (2013), outro aspecto a ser levado em consideração e, este em particular abordado por nomes como Scott (2017), Dunn (1999) e Lieu (2016), envolve investigar, obviamente, qual o papel da religião judaica nesta formação, seja em questões de continuidade de determinadas tradições como também do abandono de outras, como por exemplo a *Brit Milá* (circuncisão).

A partir da investigação do contexto judaico do Novo Testamento e do surgimento da religião cristã, caminhos teóricos diversos foram construídos e trilhados para abordar a temática. Dentre os abordados neste trabalho, destacam-se três modelos de abordagem a serem analisadas e uma contraposição ao terceiro apresentado.

O primeiro modelo busca compreender a relação entre o Protocristianismo e, por consequência, sua formação de identidade primordial, a partir de um movimento de separação das raízes judaicas (*parting of the way*). Seguidamente, o segundo modelo, tido como contraparte a este, propõe um caminhar das tradições sem separação (*the ways never parted*). O terceiro modelo, tem como objetivo mostrar uma pluralidade do protocristianismo no primeiro século, sendo seguido pela argumentação contrária de Köestenberger (2014).

De modo a realizar uma apresentação preliminar, têm-se, conforme apresentado por Dunn (1999), a teoria do *Parting of the ways*, pela qual indica-se a tradição da formação identitária e religiosa do Cristianismo como em oposição ao judaísmo. Segundo argumenta, o ponto chave a ser elucidado é justamente em que ponto se passou a entender o Cristianismo e o Judaísmo como religiões completamente distintas em caráter cultural, ritualístico, institucional e no que tange aos costumes.

Paralelamente, uma perspectiva contemporânea a estas ideias foi se fundamentando cautelosamente desde o final dos anos 80, propondo um escrutínio mais cuidadoso dos documentos. Seu objetivo era comprovar que, ao contrário da teoria supramencionada, não se teria formado a identidade do Cristianismo a partir de uma oposição ao Judaísmo e sim através de um maior contexto de interrelação, estabelecendo assim, através destes exemplos de interação, a teoria *The Ways Never Parted*, ensejando uma construção menos

em oposição e mais em aproximação.

Segundo Lieu (2016), o que cabe a este exercício de imaginação crítica é a decisão de como compreender estes exemplos evidenciados nas fontes; se trata de interações de cunho social, intelectual ou o fator da partilha de origens Abraâmicas.

Ademais, o terceiro modelo, conforme apresentado por Richard (1995), acredita que há de também se conceber que, no contexto da Galileia, múltiplos movimentos de caráter cristão, nasceram de modo esporádico, separados em aspectos espaciais e, por conta disso, deve-se primordialmente abordar os eventos históricos da religião a partir de um nascimento de múltiplos cristianismos, isto é, uma Pluralidade Originária. Diante desta diversidade, o autor argumenta que uma evidência desta diversidade envolve as tradições individuais e escolhas de relato que cada um dos quatro evangelistas dá preferência no momento de redação dos textos.

Isto posto, o presente trabalho pretende, mediante uma investigação de caráter bibliográfico e de abordagem qualitativa descritiva, analisar cada uma destas vertentes, dando enfoque para seus argumentos de modo que se compreenda não somente o quão complexo se porta a temática das concepções de Protocristianismo, como também o quão rico se apresenta a discussão bibliográfica e teológica acerca do assunto.

2 | TEORIA DO PARTING OF THE WAYS: A SEPARAÇÃO ENTRE JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

Segundo fundamenta Dunn (1999), ao se pensar na origem do Cristianismo é inevitável e, essencialmente, inviável, deixar de levar em consideração a presença e interação da religião judaica neste processo de formação. Neste sentido, o autor fundamenta a teoria estudada nesta seção a partir de uma pergunta realizada no final do século XIX, que segundo aponta, consta no questionamento mais pertinente no estudo da História do Protocristianismo.

A saber, Dunn (1999) apresenta o seguinte inquérito: como o Cristianismo, em detrimento de se resumir como uma nova vertente do judaísmo, fundamentou-se como uma tradição distinta e desassociada da tradição judaica, apresentando aspectos ritualísticos, institucionais e comportamentais diferentes em relação as peculiaridades das origens judaicas?

A partir desse ponto chave de questionamento, uma questão problema, se preferirem, Dunn (1999) busca compreender o ponto ou pontos de curva pelos quais esta formação de identidade, baseada na oposição com as tradições judaicas, se deu.

2.1 Conceituação

Assim, conforme estabelece Dunn (1999), interpretar o surgimento e afastamento das duas tradições, como círculos, é uma forma de representar graficamente o processo

de separação até o ponto mais recente, em que ambas as tradições, apesar de aproximáveis, são distintas tanto em prevalência regional quanto em caráter institucional. Segundo argumenta, atualmente, os dois círculos se encontram paralelos um ao outro, hermeticamente separados e facilmente distinguíveis, contudo, obviamente este nem sempre foi o caso no início, especialmente devido ao fato da tradição cristã compartilhar origens com o caminho trilhado ao longo de todo o denominado, pelos cristãos, Antigo Testamento ou Primeiro Testamento.

Conforme os dois círculos são representados em contextos históricos mais imediatos à origem do cristianismo, isto é, entre as décadas de 30 e 70 EC, Dunn (1999) argumenta que os dois círculos, atualmente separados, encontram-se em uma evidente intercessão que foi gradualmente entrando em um processo de afastamento no primeiro século EC.

O autor busca aprofundar:

A área de sobreposição é ocupada por um grupo de pessoas - os cristãos judeus - que afirmavam pertencer a ambas as comunidades de fé, tanto o cristianismo quanto o judaísmo. Se empurrarmos o horizonte temporal ainda mais atrás, a sobreposição aumenta continuamente até chegarmos a um ponto em algum momento em meados do primeiro século d.C., quando o círculo do Cristianismo está inteiramente contido dentro do círculo do judaísmo. A questão a ser abordada é como e por que os círculos separaram-se. (DUNN, 1999, p. 2)

Selvatici (2013) busca dialogar com essa representação gráfica, denominando essa presença judaica, neste contexto de interseção, de “cristãos judaizantes”. Nos momentos iniciais, sobretudo no primeiro século, essa maior influência de preceitos judaicos ainda se mostrava altamente presente nas primeiras comunidades cristãs, sobretudo na Galileia.

Tal como aponta Soares (2010), essa interseção fez com que, até finais do primeiro século EC, o cristianismo fosse concebido, por historiadores, como uma espécie de Judaísmo Tardio, cuja tradição passou a se sobressair ao ponto em que as duas identidades começaram a se separar. Explicações tradicionais buscam situar esse momento historicamente entre o final do primeiro século EC, e os momentos iniciais do segundo século EC.

Conforme aponta Dunn (1999), um caminho menos tortuoso para o entendimento desta separação é, antes de tudo, buscar definições mais sólidas do que se entenderia por Judaísmo e, somente então, procurar conjecturas a respeito de como e por que o cristianismo optou pela divergência completa.

A saber, assim como se deu na religião cristã, é igualmente complexo e incerto tecer uma definição sólida da doutrina judaica, visto que, tal como aponta Silva (2008) e Selvatici (2013), muitas perspectivas doutrinárias coexistiam ou entravam em embate na tradição judaica, a saber os hasmoneus, os fariseus, os saduceus, o sistema rabínico, entre outras. Ao ser colocado isso, é importante ressaltar que existem grandes Rabinos que eram fariseus no período pré-70 EC, e alguns conhecidos mundialmente, como Hillel e Shamaí.

Fato é, que desde o período intertestamentário até o período neotestamentário, o império Grego espalhou suas crenças e aos poucos a ideia helenística foi infiltrada no meio judaico, bem como a confusão política causada pelo império romano originou danos. O historiador W. Walker confirma que a pluralidade resultante da instabilidade governamental causou uma cisma no pensamento político-religioso da sociedade judia, criando partidos políticos que intervinham diretamente na forma do pensamento religioso geral:

A disputa religiosa, política e econômica que havia sido acionada por Antíoco IV e continuada sob os hasmoneus foi apenas exacerbada pela política romana. Não constitui surpresa que a primeira resposta ao censo romano de 6 d.C. tenha sido uma rebelião local liderada pelo fundador do partido zelote, Judas o Galileu. É contra esse pano de fundo geral que devemos entender a divisão que surgiu no tempo dos hasmoneus entre um partido sacerdotal, aristocrático, e um partido mais religiosamente exclusivo, devoto, popular: os saduceus e os fariseus (WALKER, 2006)

Essa fluidez do pensamento político-religioso criou uma animosidade entre muitos grupos político-religiosos, causando assim o distanciamento de pensamento, até mesmo a contraposição de algumas crenças.

Segundo Dunn (1999) e Scott (2017), o que se fundamentava de modo mais proeminente no contexto da Palestina, naquela época, era o Rabinismo, contudo, é complicado e exige cautela seguir por este caminho de definição, pois tal como argumenta, essa doutrina só atingiu hegemonia entre os judeus da palestina por volta do século 3 EC².

Todavia, também afere que, mesmo diante dessa cautela, isto é, diante do fato do Judaísmo Rabínico não representar a hegemonia da doutrina e tradição judaica no primeiro século, ainda assim deve ser posicionado de maneira central na discussão, dando enfoque em avaliar o progresso da construção desta hegemonia e buscar relações entre a progressão da identidade cristã e a separação entre as doutrinas.

É preciso, então, delimitar como o Judaísmo Rabínico enxergava o recente fenômeno do cristianismo. Tal como salientado por Dunn (1999), a visão de mundo judaica, ao menos no Rabinismo, era fundamentada na *Halakha*, que determinava de maneira bastante sólida quem era ou não considerado judeu.

A saber, o “status judaico” era adquirido tanto por herança (mãe judia) quanto por conversão, este último envolvendo procedimentos mais complexos, ademais, tal status não pode ser “perdido”, mesmo quando se opta por não seguir a religião e seus preceitos. Sendo assim, o mesmo é inalienável, não podendo ser retirado nem mesmo pelo próprio sujeito.

Fundamentado este aspecto, o autor nos leva a refletir como o Judaísmo Rabínico enxergava os cristãos, categorizando, segundo a *Halakha*, muitos segmentos de acordo com o histórico, sobretudo étnico, do indivíduo. O que pode ser resumido nas conjecturas

² Conforme citado anteriormente, pelo autor desse artigo, é preciso lembrar que existem muitos rabinos fariseus e não fariseus de destaque no período anterior ao Novo Testamento e no primeiro século EC.

de Dunn (1999) é que os Rabinos tendiam a conceber os cristãos, sobretudo os não nascidos judeus, utilizando termos como hereges, apóstatas ou, sobretudo no caso dos não nascidos judeus, pagãos, sendo assim, em termos mais amplos, eram excluídos ou ostracizados do convívio da comunidade judaica, o que por excelência, contribui para um movimento de constante afastamento.

Dentro desta dinâmica, o já mencionado cristianismo judaizante, fruto desta sobreposição inicial, também deve ser central na análise como aspecto responsável por justamente tornar esta separação menos abrupta, mesmo com a expansão das comunidades tornando o Cristianismo em uma religião também dos gentios (DUNN, 1999).

Contudo, é deveras simplório, segundo argumenta o autor supracitado, que se busque um ponto específico ou um evento que ocasionou a ruptura entre as duas tradições. Tal como na representação gráfica³ imaginada pelo autor, o processo de movimento da interseção/sobreposição para o ponto de separação e distinção total não se deu de modo imediato e sim a partir de um afastamento contínuo e lento, nos primeiros dois séculos da era comum.

Sendo assim, o mais frutífero é considerar e analisar aspectos igualmente graduais para compreender o afastamento entre as duas tradições. Um evento de interesse destacado é a primeira guerra judaica contra Roma (66-74 EC) que, apesar de trazer as dificuldades de uma guerra nos moldes da Antiguidade, também significou, com a vitória de Roma, a saída de muitas figuras de liderança responsáveis por dificultar a emergência das comunidades cristãs.

Arzani (2016) dá destaque ao aspecto do Helenismo e sua respectiva relação tanto com o judaísmo quanto com o cristianismo. A saber, a influência helênica na religião judaica, apesar de existente, enfrentou inúmeras formas de resistência ao longo da trajetória histórica destas comunicações, contudo, o judaísmo da época de Jesus era, de fato, um judaísmo com fortes influências helenísticas.

No caso do Cristianismo, retomando o contexto de sua expansão para o domínio gentílico do mundo greco-romano, percebe-se que essa interrelação cultural com o helenismo representa um fator primordial do afastamento entre as duas tradições.

Quando Dunn (1999) argumenta a comum categorização de herege ou apóstata aos cristãos nascidos judeus ou não judeus, é até mais grave do que se alguém é categorizado como gentílico. O modo de se portar para com cristãos se torna cada vez mais restrito e regrado, promovendo maior separação em cunho social entre as duas tradições e seus seguidores, valendo ressaltar que, obviamente, tudo isto se dá de acordo com o processo que promove uma maior hegemonia da tradição Rabínica no judaísmo ao longo do século I a III d.C, estendendo a resistência judaica ao cristianismo desde as autoridades de Jerusalém e da Galileia até as regiões da Diáspora.

³ Para um olhar detalhado dessa representação gráfica, DUNN, J. D. G. *JEWES AND CHRISTIANS: The Parting of the Ways A.D. 70 to 135*, 1999.

De todo modo, permanece difícil e ruidoso para o Cristianismo Judaico ou Judaizante sobreviver dentre um povo israelita tão fulminante. Mesmo com a saída dos Fariseus e ascensão dos Rabinos, tal como foi evidenciado, a aproximação entre as duas tradições não parecia viável.

Dunn elenca dois fatores preponderantes para esta separação:

Primeiro, o Cristianismo Judaico teria achado difícil lidar com o nacionalismo judaico e sentimentos nacionalistas eram fortes entre os judeus da Palestina nos primeiros dois séculos daquela era. (...) Em segundo lugar, a missão gentílica da Igreja, talvez inicialmente provocada por frustração com a falta de sucesso entre os judeus (cf. Atos 13:46), certamente criou problemas para os cristãos judaicos que continuaram com o missão a Israel. O sucesso da missão gentílica criou uma Igreja que era cada vez mais gentia na membresia. Além disso, embora a Igreja se proclamasse como sendo o verdadeiro Israel, não se esperava que os gentios convertidos vivessem como Judeus. (DUNN, 1999, p. 22-23)

Isto condiz com os argumentos posteriores de Arzani (2016), que atribui esse aspecto mais, digamos, fluído da missão cristã como preponderante para, não somente apartar a identidade cristã da identidade judaica, como também criar uma religião, talvez a primeira, não fundamentalmente baseada em uma etnia ou povo específico. É verdade que, segundo Dunn (1999), tal fator também acarretou uma crise de identidade em um primeiro momento, fazendo como se houvessem mais de uma igreja em conflito, debatendo-se entre fiéis qual seria a autêntica. E é nesse ponto que se evidencia uma filiação da teoria de Dunn com a da pluralidade originária do cristianismo do primeiro século.

Contudo, na perspectiva de Dunn (1999), essa crise lentamente se dissipa ao passo em que, com o apogeu do Judaísmo Rabínico, o cristianismo judaico tende a desaparecer, e a missão nas terras pagãs fomenta a nova identidade cristã, cada vez mais apartada dos judeus, mantendo apenas suas origens Abraâmicas compartilhadas.

A tendência à ruptura, conforme aponta Vasconcellos (2006), tende a aumentar, chegando inclusive ao ponto de existir um certo antijudaísmo por parte dos pais da igreja, promovendo ainda mais esta construção de identidade oposta a judaica.

3 | TEORIA DO THE WAYS THAT NEVER PARTED

Esta corrente teórica surgiu, tal como o nome já pode denunciar, como uma resposta aos inquéritos provocados pela corrente que compreende esta formação identitária como um afastamento entre tradições. As argumentações foram geradas por cerca de 13 anos até que, pela primeira vez em 2003, a obra organizada por Lieu (2016) fosse publicada.

Buscou-se nesta corrente teórica explorar os padrões de relação e interação entre cristãos e judeus (Rabínicos) e suas interpretações das escrituras, que se revelariam bem mais complexos do que anteriormente avaliado em *The Parting of the Ways*. A investigação pretendeu identificar qual seria a essência dessas aproximações, de modo a analisar e

debater os exemplos de manutenção e descontinuidade de diversos aspectos entre as duas tradições, ensejando um movimento contrário ao afastamento sólido e preponderante defendido na corrente teórica apresentada por Dunn (1999). Confronta-se, portanto, a teoria da separação, questionando se a mesma se trata de uma construção da teologia contemporânea ou se é, de fato, uma realidade histórica.

3.1 Conceituação

Lieu (2016) aponta que a narrativa que se pretendeu construir acerca destas aproximações se debruça em um mapeamento de relações dadas num contexto relativamente regional e específico, o que pesa desfavoravelmente ao modelo pela perda do argumento de ser uma narrativa mais ampla. A própria autora admite tal aspecto como um início pouco favorável para ir contra uma corrente historiográfica amplamente debatida.

O princípio da argumentação indica a problemática em partir de um pressuposto de que os termos Cristianismo e Judaísmo, naquele momento, eram termos identitários aos quais se atribuíam referências facilmente identificáveis. Dunn (1999) chega a pincelar as dificuldades em trabalhar com a doutrina Rabínica como referência ao judaísmo, contudo, mesmo assim utiliza suas percepções e instituições na análise de modo central.

Lieu (2016) aponta que, nesta tendência acadêmica de “modelar” uma identidade cristã, sobretudo quando em oposição a aspectos da identidade e moral judaica, as correntes teóricas adeptas da teoria da separação entre as tradições, por buscar uma narrativa ampla, acaba por ignorar estes casos específicos que também merecem ser mapeados, analisados e considerados no quadro geral.

O que parece ser o argumento central é que a construção identitária é um processo que se dá de modo que esteja aberto para análises mais críticas e menos voltadas para a formação de uma narrativa concisa, com pontos de ruptura bem estabelecidos para o afastamento destas tradições.

Segundo Soares:

(...) percebemos que os pesquisadores estavam muito preocupados em estabelecer uma data que fixasse exatamente o momento da “repartição de caminhos” – the parting of ways – entre o judaísmo e o cristianismo. Daí o estabelecimento de várias datas, dentre elas as mais usuais seriam a de 70 e 135, como dito anteriormente. Tais estudos, apesar de estabelecer uma tentativa de reabilitar o papel da crença judaica praticada sob o Império Romano, não consideraram o fato de que judaísmo e cristianismo talvez fossem apenas rótulos criados artificialmente pelas autoridades para manejar uma realidade ainda bastante difusa e plural. (SOARES, 2010, p. 2)

Assim, a história da relação entre cristãos e judeus seria pautada, sim, pela divergência, porém igualmente por momentos de convergência. Silva (2010) também parte dessa perspectiva, argumentando que, em uma percepção multiculturalista, as noções do Eu e do Outro não devem ser atribuídas de maneira tão binária ou maniqueísta. Além

disso, argumenta-se que a formação da identidade de um povo, grupo ou civilização, como o Protocristianismo e o Judaísmo Rabínico, caracteriza-se como um processo que sempre se encontra a frente dos indivíduos envolvidos na formação, nunca se encontra em algum ponto atrás. Na medida que a identidade como produto acabado se encontra no futuro destes indivíduos, sua aproximação resulta no afastamento deste produto, causando um processo cíclico de reformulação contínua.

Lieu (2016) estabelece, deste modo, um conjunto de fronteiras entre as duas tradições bem mais difusas e fluidas do que o modelo mais rígido e oposicionista da teoria a qual sua obra desafia. Nesta dinâmica de fronteiras difusas, fala-se menos de Cristianismo e Judaísmo e mais de Crisandades e Judaísmos. Deste modo, *Parting of the Ways* se trataria apenas de um de diversos modelos que possibilitam explicação para a mudança da relação entre tradições ao longo dos primeiros séculos EC.

A corrente também questiona qual o real poder dos documentos da época, como as fontes primárias, para a compreensão de termos como identidade e etnia, termos não presentes ou ditos na época. Lieu (2016) questiona o quanto os documentos estão sendo instrumentalizados não como materiais para análise crítica, mas como materiais usados para “forjar” uma identidade cristã.

Em suma, dois elementos são elencados por Lieu para contestar a visão hegemônica quanto a formação desta identidade separatista, a saber:

Alguns recursos requerem ênfase especial: primeiro, uma ênfase na retórica interna inevitavelmente leva a um forte senso de identidade própria, muitas vezes em contradição com outras evidências de que os primeiros grupos cristãos eram mais amorfos. Inevitavelmente, o momento de separação provoca uma retórica muito mais vigorosa, intensificando esse senso de alteridade, que pode ser menos visível para quem está de fora; a retórica da diferença pode se tornar menos urgente precisamente quando uma identidade claramente separada se torna mais visível para quem está de fora. Em segundo lugar, uma consequência da concentração na retórica textual de identidade tem sido a dificuldade crescente de falar sobre ‘identidade cristã’. Em parte, isso é um reconhecimento de que essa precisão terminológica está faltando no primeiro século, e que o conceito é evidentemente anacrônico. (LIEU, 2016, p 189-190)

Deste modo, esta corrente teórica, em contraponto ao que argumenta a teoria *Parting of the Ways*, enseja não somente um movimento mais cauteloso quanto ao trato destes termos, como também abre o escopo de análise para diversas experiências específicas entre cristãos e judeus.

4 | TEORIA DA PLURALIDADE DOS CRISTIANISMOS ORIGINÁRIOS

A partir da argumentação salientada, isto é, a de que entender termos como cristianismo e judaísmo como construtos sólidos, faz correr o risco de ser anacrônico ou tomar como realidade histórica algo que, até mesmo em sua época, era puramente

idealizado por lideranças, fundamenta-se a teoria da Pluralidade dos Cristianismos Originários. De certo modo, bastante relacionada com muitos pontos tratados por Lieu (2016) e por Dunn (199), a teoria é formulada no intuito de investigar este amorfismo inicial nas comunidades cristãs espalhadas pela palestina e regiões da diáspora.

Diante dessa diversidade, Richard (1995) defende que, ao passo que estas identidades são formuladas a partir de fronteiras amplamente mais difusas, o cristianismo, como tradição, cultura, comunidade e instituição, tende a apresentar um caráter mais múltiplo.

4.1 Conceituação

Segundo argumenta Richard (1995), o próprio imaginário presente nas Igrejas cristãs necessita revisão de certos equívocos presentes nos discursos, tal como um vício. O autor afirma que estes equívocos, tal como no que é argumentado contra a primeira corrente teórica avaliada neste trabalho, advém da projeção de estruturas, dogmas e identidades do presente para o passado, isto é, anacronismo.

Segundo aponta Soares:

Assim como o judaísmo, o cristianismo também se apresentou composto por diversas tendências e grupos. Da mesma forma “a própria pregação cristã, o seu anúncio (kerigma) é também constituída de variantes e coloridos regionais. Há um tipo de mensagem cristã de caráter palestinese, e um tipo de caráter helenístico”. De tal modo, “não só os contextos que antecedem o surgimento do cristianismo são distintos, mas também o produto deste” (SOARES, 2010, p 3-4)

Partindo disto, retomamos os argumentos de Richard (1995), apontando que a visão mais costumeira a ser compartilhada acerca das origens do cristianismo se dá por meio dos escritos de Eusébio da Cesaréia (263-339) em sua História Eclesiástica. Tal colocação pode ser novamente relacionada com pontos tratados por Lieu (2016), que questiona os critérios de análise das fontes primárias e historiografias antigas na finalidade de construção identitária.

Na visão de Richard (1995) existe uma “ideologia constantiniana” atribuída aos escritos e projetos de Eusébio e outros, buscando uma ideia de unidade da igreja em detrimento da pluralidade encontrada na formação inicial. O autor propõe três equívocos, o primeiro, de desconsiderar os evangelhos apócrifos como fontes acerca das origens do cristianismo, além de contemporâneos aos evangelhos, os mesmos também servem para atestar a presença desta multiplicidade de correntes.

O segundo equívoco, segundo ele, está em estabelecer uma origem cronológica a partir da interpretação dos Evangelhos e imaginar a origem da Igreja cristã, como tradição e instituição, no período de Jesus ou anos após sua morte. O que o autor sugere como correção está em imaginar cronologicamente que primeiro veio a missão, isto é, a propagação do evangelho e só então, veio a Igreja tal como se conceberia.

O terceiro equívoco, por fim, é de caráter geográfico e também consiste em um erro na exegese de Atos dos Apóstolos, que orienta a trajetória das missões do Oriente para o Ocidente, ou seja, de Jerusalém para Roma, desconsiderando regiões como a Galileia, Samaria, Sul da Síria, Egito, Norte de África, Etiópia, dentre diversas outras regiões.

Para o autor supracitado (1995), estes cristianismos, compartilham é claro, uma única raiz em suas origens, sendo obviamente a experiência espiritual e transcendental da ressurreição de Jesus Cristo após morte de cruz. Contudo, mesmo nesta raiz fundamental, existem elementos que materializam uma diversidade de interpretações que a princípio não parecem imediatamente distantes, mas que fundamentam novas interpretações acerca de uma mesma experiência. Isto se dá, principalmente, porque, tal como afirma Richard (1995), Cristo nunca chegou a, diretamente estabelecer critérios, ritos e instituições num geral, fundando uma organização religiosa.

Resumindo sua teoria, Richard afirma que:

O cristianismo nasceu em diferentes lugares e teve durante muito tempo centros independentes e variados de difusão e organização (Jerusalém, Galileia, Antioquia, Éfeso, Edessa, Egito, Roma, etc.). O original na origem do cristianismo é o policentrismo e a variedade de movimentos independentes; a centralização é o secundário e tardio. (RICHARD, 1995, p 13-14)

Deste modo, para o autor, torna-se evidentemente mais complexo formular uma identidade originária, talvez o mais próximo que possa ser argumentado seja, justamente, a experiência espiritual e transcendental da encarnação, humilhação, morte e ressurreição do Deus vivo e feito homem, sem a qual a expansão missionária não seria viabilizada, tornando-se impossível pensar em cristianismo sem tal fator.

5 | A HERESIA DA ORTODOXIA E MULTIPLICIDADE DO PROTOCRISTIANISMO

As teorias até aqui apresentadas foram largamente preconizadas e difundidas não só na academia, mas para pessoas leigas em todas as partes do mundo. A pergunta que fazemos a esse ponto deve ser: Qual a origem dessas linhas de pesquisa? Os autores Köestenberg e Kruger (2014) nos ajudarão a entender os caminhos para responder a essa pergunta, na presente sessão desse artigo.

Como mencionado anteriormente, a história do cristianismo em suas mais diversas vertentes atraiu pesquisadores de todo o mundo, gerando muitos pensamentos e hermenêuticas ao redor do tema. Fato é que uma das correntes mais fortes da pesquisa neotestamentária e historiográfica do cristianismo se deu a partir de Walter Bauer em sua obra *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity* (Ortodoxia e Heresia no início do cristianismo). Suas ideias foram amplamente difundidas, pois encontraram solo fértil no campo da relativização da verdade, vigente no século 20. (2014, p.25).

Köestenberg e Kruger (2014, p.18) argumentam de forma veemente que a aceitação da visão da pluralidade do protocristianismo é perigosa, pois coloca em xeque questões

fundamentais da fé cristã. Logo no início de seu livro, introduzindo a argumentação, os pesquisadores resumem a teoria de Bauer com as seguintes palavras: “não existia no primeiro século algo como “cristianismo” (no singular), mas apenas *cristianismos* (no plural), ou seja, versões diversas de crença, todas reivindicando ser cristãs de forma igualmente legítima”. A essa altura do que está sendo apresentado, o leitor pode se perguntar: Qual a problemática de tal vertente que a transformaria em perigosa? Para responder a essa pergunta, é preciso primeiro compreender a disseminação e o escopo dessa argumentação.

Em primeira instância é importante salientar que segundo os pesquisadores (2014, p.27), antes da teoria de Bauer, a ideia mais amplamente aceita sobre o protocristianismo, era a de que as suas raízes estavam centradas nas pregações dos apóstolos de Jesus e que a partir desse centro de crenças, o cristianismo se propagou. Com o passar do tempo, interpretações acerca das palavras proferidas por esses discípulos e pelo próprio Jesus foram surgindo de formas distintas, e assim, apareceram as heresias. Nas palavras dos autores (2014) “a ortodoxia precedeu a heresia”.

A grande questão é que as ideias de Walter Bauer preconizavam uma pluralidade do cristianismo do primeiro século que impossibilitava uma afirmação assertiva sobre um grupo doutrinário ou de crenças sólidas, transformando assim o protocristianismo em algo fluido. A fundamentação de Bauer encontrava-se inicialmente em uma descentralização geográfica do cristianismo, dividindo-o por sub-regiões, com características religiosas distintas. A saber: Ásia Menor, Egito, Edessa e Roma.

Köestenberg e Kruger (2014, p.28-29) explicam que “sobre a Ásia Menor, Bauer destacou o conflito entre Pedro e Paulo em Antioquia” e as “heresias nas Epístolas pastorais e nas cartas às sete igrejas em Apocalipse”. Sobre o “Egito, os cristãos gnósticos estavam presentes desde o início e argumentou que, antes de Demétrio de Alexandria (189- 231 d.C), não havia nenhum representante do cristianismo verdadeiramente ortodoxo”. Fazendo referência a Edessa, “Bauer argumentou que o ensino de Marcião constituiu a forma mais antiga de Cristianismo e que a ortodoxia não prevaleceu na região até o quarto ou quinto século d.C”. Por sua vez, Roma “procurou impor sua autoridade já em 95 d.C, quando Clemente, bispo de Roma, tentou forçar Corinto a se sujeitar à supremacia doutrinária romana”. Conclui afirmando, sobre Roma, que “a fim de consolidar sua autoridade eclesiástica, a igreja romana reescreveu a história, removendo dela os registros de formas divergentes de crenças”.

É nesse momento da argumentação que os autores supracitados (2014) despertam nos leitores a atenção ao perigo de tal teoria: o fato de descredibilizar os escritos neotestamentários como inspirados e promover um cristianismo tal como foi visto ao longo dos séculos como uma invenção puramente romana. A afirmação é de que apesar de que “no quarto século, a vitória ortodoxa estava consolidada.”, “segundo Bauer, uma investigação histórica autêntica e imparcial mostra que, em cada um dos quatro principais centros urbanos do cristianismo primitivo, a heresia precedeu a ortodoxia” (2014, p.29).

Sendo assim, a ideia apresentada de que houve uma continuidade da pregação unificada de Jesus através dos discípulos e apóstolos, tornou-se apenas um “mito”, pois os cristianismos geográficos continham muitas crenças diferentes, sendo a heresia precedente da ortodoxia.

O livro “A Heresia da Ortodoxia” cria então uma linha histórica que mostra uma evolução acadêmica da teoria de Bauer. Segundo os autores (2014, p.31), o primeiro a se apropriar da teoria foi Rudolf Bultmann, que a utiliza como uma “subestrutura para sua teologia do Novo Testamento”. Rudolf faz uma separação entre a fé e a história, acreditando “que acontecimentos históricos, como a ressurreição, eram de importância inferior à nossa fé existencial em Jesus”. Em seguida, na linha do tempo é colocado o prof. Arnold Ehrhardt, que “aplicou a visão de Bauer da diversidade na igreja primitiva a um estudo da formação do Credo Apostólico”. Ehrhardt “concluiu que havia diferenças nos conteúdos do Credo Apostólico e de outras declarações de fé do Novo Testamento e argumentou que a diversidade no cristianismo primitivo apoiava essa posição” (2014, p.33).

Logo em seguida, em 1965, Helmut Koester aplicou a teoria de Bauer ao período apostólico. Futuramente, em 1971, Koester e James M. Robinson expandiram o artigo sobre o período apostólico e desenvolveram um livro intitulado, *Trajectories through Early Christianity*, argumentando “que as categorias “obsoletas” nos estudos do Novo Testamento - tais como “canônico” ou “não canônico”, “ortodoxo” ou “herético” – eram inadequadas” (2014, p.33). Ambos nessa obra avaliam que “esses termos eram rígidos demais para abarcar a diversidade predominante na igreja primitiva”.

Mais tarde, segundo Köestenberg e Kruger (2014), quem se apropriou dessa teoria foi James Dunn em sua obra *Unity and Diversity in the New Testament*. Dunn concentrou-se na aplicação da teoria de Bauer no estudo do Novo Testamento, “concluindo que, em consonância com as descobertas de Bauer, a diversidade do Novo Testamento sobrepujava a unidade” (2014, p.35). Apesar do autor aparentemente ir contrário a Bauer, quando afirma que existia, no cristianismo, uma unidade de pensamento de “Jesus como Senhor exaltado”, “Dunn acreditava que esse tema unificador era resultante de um conflito entre pontos de vista diferentes, com os vencedores declarando que sua visão dessa crença era ortodoxa” (2014, p. 35).

Para Köestenberg e Kruger (2014, p.36), a popularização da teoria de Bauer se deu quando dois autores decidem pulverizar essa teoria de forma acessível à comunidade leiga. Elaine Pagels e Bart Ehrman foram fundamentais nesse processo de divulgação massiva e palatável. Pagels, em 1979, em sua obra *The Gnostic Gospels*, aplica a teoria de Bauer aos documentos de Nag Hammadi e depois escreve sua obra *Beyond Belief: The secret Gospel of Thomas*, na qual “afirmou que os cristãos contemporâneos deveriam ir além da crença em dogmas rígidos e rumar para uma pluralidade salutar de pontos de vista religiosos” (2014, p.37).

Finalmente, Bart Ehrman “ainda mais que Pagels, popularizou a tese de Bauer em várias publicações e apresentações em público e chamou a obra de Bauer de ‘o livro mais

importante do século 20 sobre a história do cristianismo” (2014, p.37). Ehrman “argumenta que os primeiros proponentes daquilo que se tornou conhecido mais tarde como cristianismo ortodoxo (que ele chama de “proto-ortodoxia”) triunfaram sobre todas as outras representações legítimas do cristianismo” (2014, p.38). Em contrapartida, Köestenberg e Kruger (2014, p.39), comentam citando George Strecker, que “nos anos subsequentes ao lançamento da obra de Bauer em 1934, foram publicadas mais de 24 resenhas do livro em seis línguas diferentes”. A partir dessas resenhas, os autores destacam quatro pontos que são decisivos na argumentação contra Walter Bauer.

O primeiro ponto é o fato de que “as conclusões de Bauer são excessivamente conjecturais, tendo em vista a natureza limitada das evidências disponíveis, e são, em alguns casos, argumentos do silêncio em sua totalidade” (2014, p.39). O segundo ponto é que “Bauer ignorou injustificadamente as evidências do Novo Testamento e empregou de modo anacrônico dados do segundo século para descrever a natureza do “início” do cristianismo primitivo” (2014, p.39). O terceiro ponto, segundo os autores, é que “Bauer simplificou grosseiramente o cenário do primeiro século, que era consideravelmente mais complexo do que a descrição seguida por ele” (2014, p.40). O quarto ponto encontra-se no fato de que “Bauer ignorou paradigmas teológicos existentes na igreja primitiva”.

Em suma, Köestenberg (2014) entende que a teoria de Bauer foi amplamente discutida e debatida ao longo do século 20, mas a despeito de muitos pesquisadores terem se apoderado de sua teoria para embasar suas teses, muitos outros levantaram pontos incoerentes de sua preconização. Fato é que o regime ideológico pós-moderno vivido na contemporaneidade tem levantado um forte questionamento a respeito da verdade absoluta, trazendo assim à tona, mais uma vez, a teoria da fluidez do cristianismo. O livro “A Heresia da Ortodoxia” leva o leitor a se questionar: Se realmente a verdade é relativa e as raízes do cristianismo são fluidas, isso quer dizer que cada um pode ter sua própria verdade e a autoridade da Bíblia está em xeque?

Por esse motivo é importante conhecer a origem das teorias, as mais diversas fontes que foram consultadas para se desenvolver uma teologia, quais “águas” foram bebidas pelos autores. Nesse sentido, confrontar ideias e questionar conhecimentos se torna a via mais adequada para produzir conhecimento.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise destes caminhos teóricos e, em aspectos mais amplos, o debate promovido pelas diversas perspectivas permitem, primordialmente, comprovar que muito segue em discussão aberta acerca desta temática. Muitas obras da historiografia analisada nesta investigação bibliográfica permitiu uma abordagem cautelosa e responsável dos documentos da época, contudo, é certo que, sobretudo no estudo com as escrituras, diversos abismos culturais e de tradição se interpõe no caminho para uma exegese plenamente efetiva.

A teoria da formação da identidade cristã primordial em um movimento de afastamento e construção em oposição ao judaísmo, tal como defendido por Dunn (1999) apresenta um movimento gradual de um afastamento da sobreposição inicial em que o Cristianismo se encontrava, de modo que, pouco a pouco e no contexto de sua expansão mediante o apostolado, o Cristianismo optasse por caminhos e escolhas doutrinárias que se distanciavam cada vez mais das propostas do Judaísmo Rabínico. Quanto mais quando se posicionam estas dinâmicas com a perspectiva judaica da *Halakha*, cujos fundamentos encorajam as lideranças judaicas a promover o afastamento dos cristãos e cristão judaizantes, categorizando-os como hereges e excluídos da convivência interna das comunidades judaicas. Salientando o fato desse processo acontecer nos dois primeiros séculos.

Apesar da notável tendência à ruptura entre as duas tradições, a corrente teórica que intenta desafiar essas considerações é competente em estabelecer uma série de desafios pertinentes para o pensamento formulado na teoria *The Parting of the Ways*. Outro ponto interessante compartilhado por adeptos desta corrente, é o argumento da inviabilidade de pensar em uma ontologia das identidades, sobretudo em sociedades, grupos e civilizações localizadas tão distantes geograficamente e historicamente como os das sub-regiões nucleares do protocristianismo, defendidas por eles. Atribuindo a questão da formação da identidade como algo que sempre esteve à frente de todos aqueles indivíduos, distanciando-se sempre que se aproximavam, construindo um processo de certo modo cíclico, a corrente possui um potencial de diálogo em suas propostas, intentando promover um escopo mais diverso e crítico para as experiências iniciais do cristianismo, bem como suas relações com os judeus.

Nesta dinâmica, a teoria da Pluralidade de Cristianismos Originários tende a se beneficiar destas argumentações, debruçando-se em uma identidade cristã, sobretudo em seu momento primordial, bem mais difusa, amorfa e múltipla do que se imaginaria. Em sua abordagem do policentrismo das primeiras comunidades cristãs, torna-se evidente que para tal corrente, o mais próximo que se possa, talvez, apalpar em uma origem comum na identidade cristã seja a experiência espiritual da ressurreição de Cristo.

No entanto, a beleza da academia é o fato de que toda teoria é passível de ser contestada, e o livro “A heresia da Ortodoxia” se mostrou um forte aliado da argumentação contrária a pluralidade do protocristianismo. Os autores da obra apontam ao perigo de tornar as origens do cristianismo em algo fluido, legitimando um discurso em que o cristianismo tem sua origem não em um processo de inspiração divina e cumprimento da escritura sagrada, mas no imaginário humano descentralizado.

No mais, esta investigação bibliográfica, bem como as propostas aqui expostas e discutidas, tende a fornecer poucas respostas conclusivas, construindo mais questionamentos. Aceitar tal fato pode, à primeira vista, parecer frustrante, contudo, em termos de honestidade intelectual, o questionamento sempre será mais válido do que a forja

de estruturas e construtos mais ideais do que reais. Ademais, questionar é o combustível do avanço acadêmico.

Nesse sentido, a pesquisa do protocristianismo segue aberta, com muitas lacunas a serem preenchidas, com seriedade, responsabilidade teológica e histórica.

REFERÊNCIAS

ARZANI, A. O estudo da formação da identidade dos primeiros cristãos e a importância da teologia, **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 8, p. 70-85, 2016. ISSN: 2318-9304.

DUNN, J. D. G. **JEWS AND CHRISTIANS: The Parting of the Ways A.D. 70 to 135**, WILLIAM B. EERDMANS PUBLISHING COMPANY GRAND RAPIDS, MICHIGAN / CAMBRIDGE, U.K. 1999.

KOSTENBERGER, ANDREAS J. **A heresia da Ortodoxia: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo primitivo**. Vida Nova: São Paulo, 2014.

LIEU, J. **Neither Jew nor Greek? Constructing Early Christianity**, 2 ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2016.

RICHARD, P. As diversas origens do cristianismo: Uma visão de conjunto (30-70 dC) In: Cristianismos Originários, **Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana**, n 22, Petrópolis, 1995.

SCOTT, J. J. **Origens Judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário**, tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. — São Paulo : Shedd Publicações, 2017.

SELVATICI, M. Construção de fronteiras entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: os judaizantes e a retórica antijudaica no movimento cristão dos séculos I e II d. C. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 1, p. 23-37, 2013.

SILVA, G. V. A CONDENAÇÃO DOS JUDAIZANTES NOS CONCÍLIOS ECLESIASTICOS DO SÉCULO IV, **PHOÏNIX**, RIO DE JANEIRO, 14: 164-188, 2008

_____, As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista, **história da historiografia**, Ouro Preto, número 05, setembro, 2010 , 58-70

SOARES, C. S. Uma nova perspectiva do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo. Um estudo acerca das fronteiras identitárias a partir do contra celso, de Orígenes, **Anais do VIII Encontro de História da ANPUH - Espírito Santo. História Política em debate: linguagens, conceitos, ideologias**. VITÓRIA – 2010. ISBN: 978-85-99510-93-3

VASCONCELLOS, P. L. Anti-Judaísmo e redação de textos e versões do Novo Testamento, **Caminhos**, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 317-326, jul./dez. 2006

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE/UC Portugal, 2014-2016). Pós-doutorado em Formação de professores, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra ESEC (2017-2021); Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC/Goiás (2010-2014, CAPES 5); Doutorado em Ensino (em andamento), com objeto de tese na área da Educação Matemática/Desenvolvimento Profissional de Professores e tecnologias pela Universidade do Vale do Taquari/UNIVATES (2018 -, CAPES 4); Doutorado em Educação (em andamento), com objeto de tese na área de Currículo e Identidade Juvenis pela Universidade Luterana do Brasil/ ULBRA (2020 -, CAPES 5); Mestre em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pelas Faculdades EST (2007-2008, CAPES 5). A nível de graduação possui formação multidisciplinar com: Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Goiás; Licenciatura em Pedagogia habilitação: séries iniciais, orientação e supervisão escolar, pelo Instinto de Ciências Humanas e Sociais ICSH e Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira/FBB. É professor Titular C-II da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior/FIMES/UNIFIMES desde 2014 (Onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás desde 1999 na disciplina de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas FACMAIS, Linha 2 Educação, Cultura, Teorias e Processos Pedagógicos; Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul UEMS, Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019) e do MPIES Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia UNEB (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

ELISÂNGELA MAURA CATARINO - Pós-doutorado em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dra. Fátima Neves. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa

Religião e Movimentos Sociais. Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (em andamento). Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito 5 CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular – C-I), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia Civil, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Coorientadora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES/UNEB. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos. E-mail: maura@unifimes.edu.br

JEOVÁ BRAGA DOS SANTOS - Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Anápolis (UEG), Mestrando em Educação pela Faculdade de Inhumas (Facmais). Professor na Secretaria Estadual de Educação de Goiás –SEDUC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0515-4389>. E-mail: jeova@aluno.facmais.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 55, 56, 58, 61, 62, 69, 93, 106, 107, 108, 109, 115, 132

C

Ciganos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

Cristianismo 16, 17, 25, 26, 28, 51, 55, 63, 64, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

D

Direitos 1, 5, 7, 8, 11, 20, 22, 23, 24, 29, 73, 75, 77, 78, 84, 85, 88, 92, 95, 97

Diversidade religiosa 23, 81, 82, 84, 86, 87

E

Educação 15, 27, 38, 39, 49, 51, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 83, 135, 136

Emmanuel Mounier 70, 71, 72, 73, 78, 79, 80

G

Grupos terapêuticos 81, 82, 84, 85, 86, 87

H

Hermenêutica de gênero 63, 64, 67, 68, 69

História do espiritismo 38

História do livro espírita 38

I

Igrejas neopentecostais 15, 16, 25, 26, 27, 28, 29

Imprensa Espírita 38, 40

J

Jesus Cristo 15, 16, 17, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 33, 52

Judaísmo 16, 23, 65, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 133, 134

L

Laicidade a brasileira 89

Legitimidade do poder 106, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 115

M

Ministério 8, 10, 17, 21, 24, 51, 58, 62, 65, 95, 99, 103

P

Patriarcado 63, 69

Personalismo 70, 71, 72, 73, 79

Poder midiático 89

Política 1, 2, 4, 10, 11, 14, 15, 24, 25, 28, 69, 72, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 116, 123, 134

Protocristianismo 119, 120, 121, 127, 129, 130, 133, 134

R

Relacionamento 51, 52, 56, 58, 60

Religião 1, 2, 3, 4, 5, 9, 12, 13, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 50, 62, 69, 73, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 95, 96, 101, 103, 104, 116, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 136

Religião e política 89, 93, 104

Representação 1, 2, 3, 11, 13, 69, 81, 96, 109, 122, 124, 135

S

Santidade 30, 35, 36

Separação 84, 90, 91, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131

Soberania 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114

T

Teologia 29, 51, 52, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 69, 70, 115, 116, 120, 126, 131, 132, 134, 135, 136

Tradições 3, 78, 91, 107, 113, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 133

TEOLOGIA,

POLÍTICA

& RELIGIÃO

2



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



@atenaeditora



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Matthews is called.

Sr. MATTHEW, 9.

Jairus' daughter raised.

1 said within themselves, This man blasphemeth.
2 And Jesus knowing their thoughts said, Wherefore think ye evil in your hearts?
3 For whether is easier, to say, Thy sins be forgiven thee; or to say, Arise, and walk?

4 But that ye may know that the Son of man hath power on earth to forgive sins, (then saith he to the sick of the palsy,) Arise, take up thy bed, and go unto thine house.

5 And he arose, and departed to his house.

6 But when the multitudes saw it, they marvelled, and glorified God, which had given such power unto men.

7 And as Jesus passed forth from thence, he saw a man, named Matthew, sitting at the receipt of customs; and he saith unto him, Follow me. And he arose, and followed him.

8 ¶ And, behold, a woman, which was diseased with an issue of blood twelve years, came behind him, and touched the hem of his garment:
9 For she said within herself, If I may but touch his garment, I shall be whole.

10 But Jesus turned him about, and when he saw her, he said, Daughter, be of good comfort; thy faith hath made thee whole. And the woman was made whole from that hour.

11 And when Jesus came into the rulers' house, and saw the minstrels and the people making a noise,
12 He said unto them, Give place: for the maid is not dead, but sleepeth. And they laughed him to scorn.

13 But when the people were put forth, he went in, and took her by the hand, and the maid arose.

14 And the fame hereof went abroad.

Anno DOMINI 31.

1. Luc. 2. 20.
2. Luc. 4. 22.
3. Luc. 4. 23.
4. Luc. 4. 24.

5. Luc. 2. 26.
6. Luc. 4. 25.
7. Luc. 4. 26.
8. Luc. 4. 27.

9. Luc. 4. 28.
10. Luc. 4. 29.
11. Luc. 4. 30.

12. Luc. 4. 31.
13. Luc. 4. 32.
14. Luc. 4. 33.

Christ smiteth out

Sr. MATTHEW, 10.

his twelve apostles.

Anno DOMINI 31.

1. Luc. 2. 20.
2. Luc. 4. 22.
3. Luc. 4. 23.
4. Luc. 4. 24.

5. Luc. 2. 26.
6. Luc. 4. 25.
7. Luc. 4. 26.
8. Luc. 4. 27.

9. Luc. 4. 28.
10. Luc. 4. 29.
11. Luc. 4. 30.

12. Luc. 4. 31.
13. Luc. 4. 32.
14. Luc. 4. 33.

15. Luc. 4. 34.
16. Luc. 4. 35.
17. Luc. 4. 36.

CHAPTER 10.

1 Christ smiteth out his twelve apostles, calling them with power to do miracles, & to preach the Gospel, & to suffer persecution.

2 And he sendeth a blessing to those that receive them.

3 And when he had called unto him his twelve disciples, he gave them power to cast out devils, and to heal all manner of sickness, and all manner of disease.

4 Now the names of the twelve apostles are these: The first, Simon, who is called Peter, and Andrew his brother; James the son of Zebedee, and John his brother;

5 Philip, and Bartholomew; Thomas, and Matthew the publican; James the son of Alphaeus, and Lebbaeus, whose surname was Judas;

6 for that shall be given you in that same hour what ye shall speak.
7 For it is not ye that speak, but the Spirit of your Father which speaketh in you.

8 ¶ And the brother shall deliver the brother to death, and the father the child; and the children shall rise up against their parents, and cause them to be put to death.

9 ¶ And ye shall be hated of all men for my name's sake: but he that endureth to the end shall be saved.

10 ¶ But when they persecute you in this city, flee ye into another: for I will not build my church, and she shall have gone over the cities of Israel.

11 ¶ The disciple is not above his master, nor the servant above his lord.
12 It is enough for the disciple that he be as his master, and the servant as his lord. If ye have called the master of the house, Beelethab, master of the house, shall they call them how much more shall they call you

Anno DOMINI 31.

1. Luc. 2. 20.
2. Luc. 4. 22.
3. Luc. 4. 23.
4. Luc. 4. 24.

5. Luc. 2. 26.
6. Luc. 4. 25.
7. Luc. 4. 26.
8. Luc. 4. 27.

9. Luc. 4. 28.
10. Luc. 4. 29.
11. Luc. 4. 30.

12. Luc. 4. 31.
13. Luc. 4. 32.
14. Luc. 4. 33.

15. Luc. 4. 34.
16. Luc. 4. 35.
17. Luc. 4. 36.

